

# LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS

Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS da Professora Andréa dos Guimarães de Carvalho

## Sumário

- E sobre a Libras em si? Que língua é essa?
- Aspectos históricos e educacionais do sujeito surdo, cultura e identidade
- Formação do educador de surdo, do tradutor e do intérprete no processo educacional da Libras
- Referências

Andréa dos Guimarães de Carvalho



Seja bem-vindo, cursista em pedagogia.

Este *e-book* explana temas relacionados à disciplina de Libras com foco no seu curso.

Utilize-o e faça a leitura deste suporte, o e-book, em que está repleto de informações importantes e o veja como um guia teórico, complementar, aos conhecimentos na área que enfatiza três temas mutuamente relacionados: aspectos históricos e educacionais do sujeito surdo, que na sua cultura e identidade os contemplam, a Língua de Sinais no Brasil, destacando a Libras, sua origem e importância e informações da formação do educador de surdo, do tradutor e do intérprete no processo educacional da Libras em contexto.

Tais temas provocam reflexões que mobilizam e contribuem para um pensar sobre possibilidades de inovar as metodologias didático-pedagógicas, indo além de um olhar tradicional que ainda persiste em algumas práticas pedagógicas, visando a produção, adaptação e uso adequado de recursos materiais que promovam e efetivem um ensino-aprendizagem significativo para uma classe de alunos com singularidades específicas, os alunos surdos. Por trás dessas reflexões há uma experiência comprovada de que são beneficiados alunos surdos e ouvintes, docentes e todos os envolvidos no processo educativo, incluindo a organização do ambiente em que acontece.



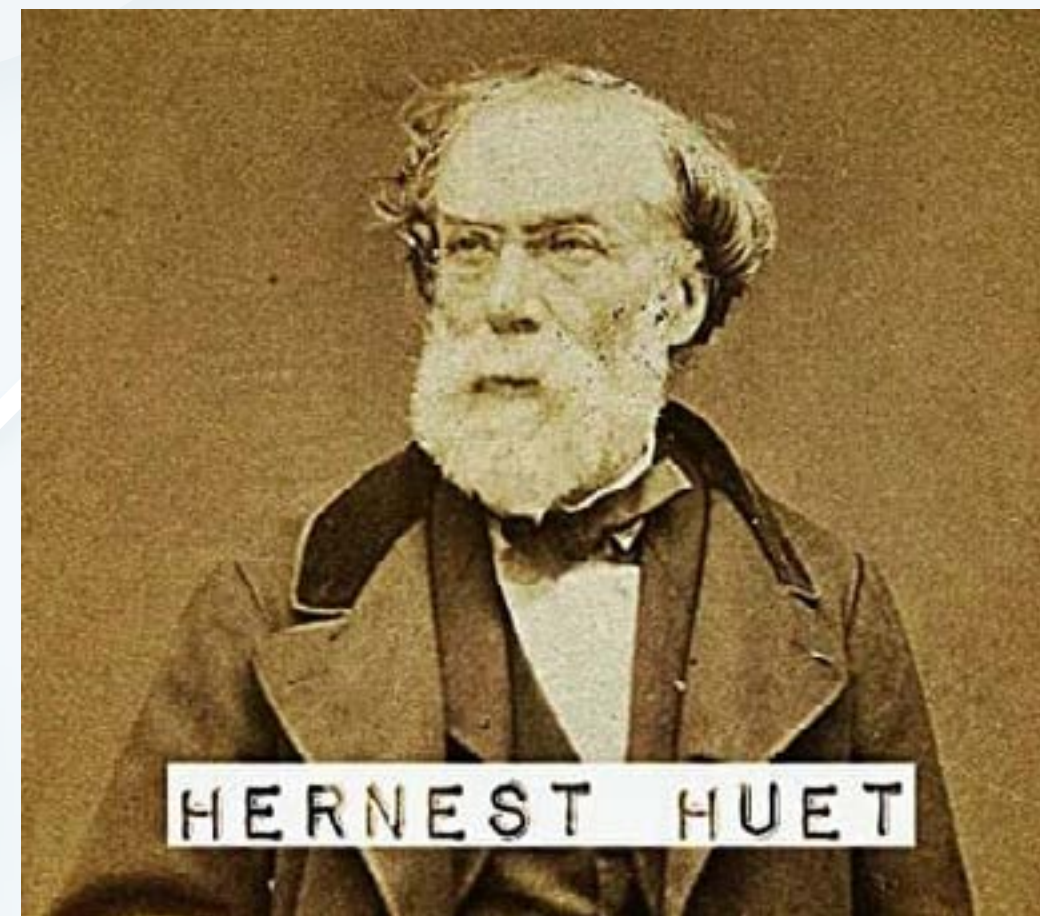
Convida-se, pois, à leitura atenciosa e consulta constante ao material para auxiliar no entendimento da disciplina e como um instrumento complementar reflexivo, capaz de fomentar competências e habilidades docentes para atender demandas no contexto escolar na qual uma diversidade de perfis de alunos está presente, dentre eles, o aluno surdo e suas implicações linguísticas, culturais e educacionais. Aqui há uma perspectiva que oportuniza aprendizagens e ações inovadoras e reflexivas, frutos dos estudos do *e-book*, tele-aulas, aula interativa e atividades propostas na disciplina do curso. Vamos lá!

**Figura 1 – INES – Projeto de Surdos em Catanduva**



**Fonte:** Projeto para surdos em Catanduva - Facebook.

**Figura 2 – Hernest Huet**

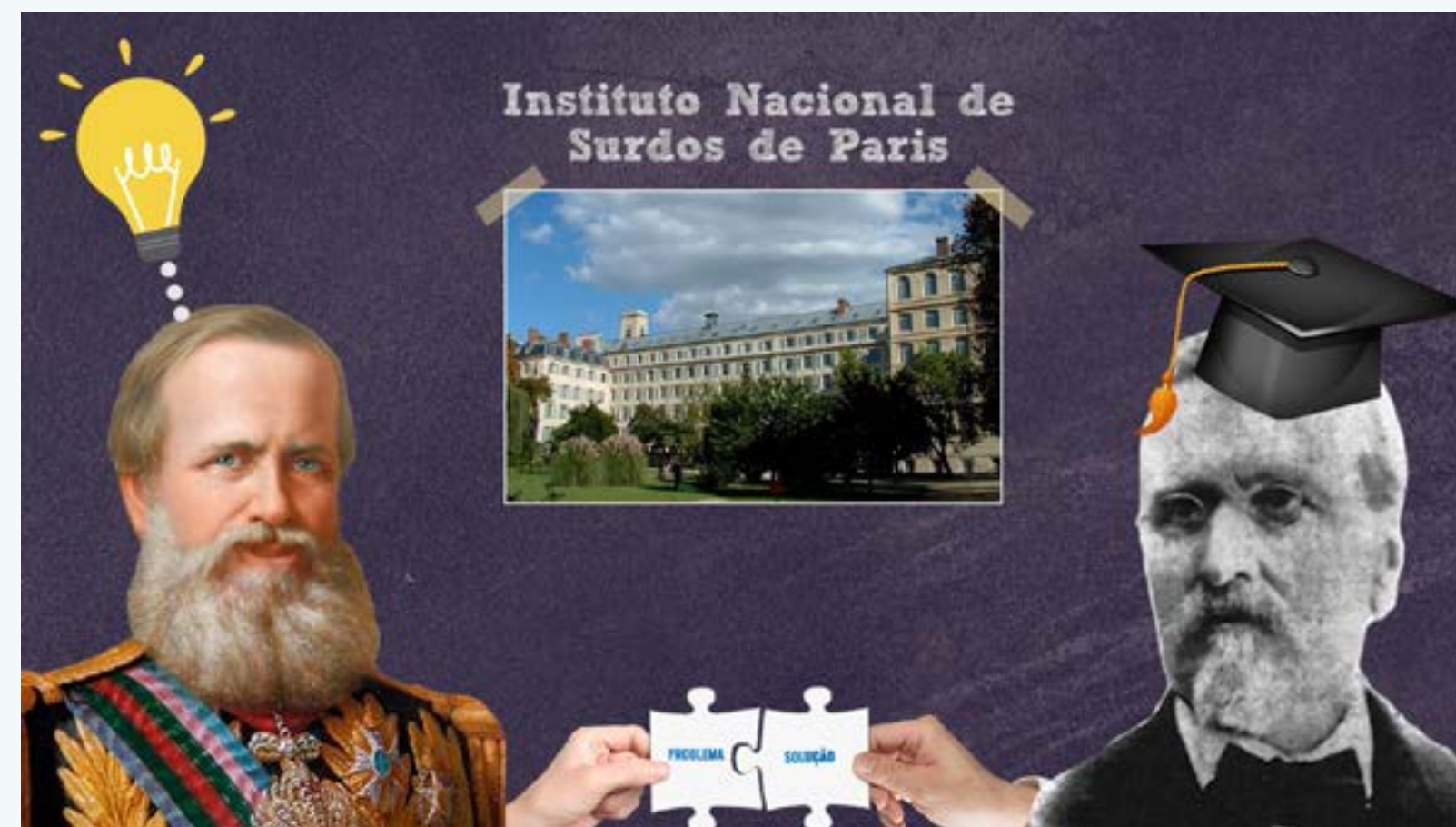


Fonte: Libras Maranhão - Facebook.

## A importância da Libras e como surgiu no Brasil?

Antes de iniciar a trajetória para entender como surgiu a Língua de Sinais no Brasil, há que conhecer os usuários, os sujeitos que a utilizam, a importância para eles e a relação deste entendimento para o cursista de pedagogia e o que desencadeou a necessidade da disciplina, nesse curso em si.

**Figura 3 – D. Pedro II e Ernest Huet**



Fonte: Unintese Ensino Digital.

**Figura 4 – Grupo de surdos se comunicando em língua de sinais**



**Fonte:** Freepik.

Os usuários de uma Língua de Sinais, em geral, são os sujeitos surdos que a utilizam, continua e cotidianamente para se comunicarem com seus pares (outros surdos) e com outros sujeitos que, apesar de não serem surdos, são fluentes na Língua de Sinais da região ou país e que lhes permite interagir espontaneamente, tais como: os intérpretes de uma língua de sinal (no Brasil intérprete de Libras) familiares e amigos que convivem com surdos. Juntos formam, na literatura, a Comunidade Surda (STROBEL, 2008). Inclusive, a palavra Surdo, com letra maiúscula, refere-se a integrantes da Comunidade Surda.



### Segundo Strobel

A comunidade surda, na verdade não é só de surdos, já que tem sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comum em uma determinada localização que podem ser as associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros. (2008, p. 6).

Os surdos utilizam a língua para se comunicar, para interagir com a sociedade (através de intérprete de uma Língua de sinais) de várias formas ou possibilidades, expondo pensamentos e ideias, perceber visualmente e entender fatos e acontecimentos do mundo ou ambientes em que convivem.

Cada país tem um sistema e organização linguística própria da língua de sinais o que indica que ela não é universal. As modalidades das Línguas de sinais são similares no que respeita a serem espaço-visuais, porque se usa as mãos para sinalizar discursos, sinais (palavras) no espaço próximo ao corpo do sinalizante ou no corpo em si e usa a visão que permite sinalizar de forma organizada, no espaço, o que pretende discursar (a visão realça a organização, e permite perceber o que um outro sinalizante expressa ao se comunicar usando a Libras).

O ouvinte usa uma língua oral-auditiva, que é diferente porque utiliza a oralidade para se expressar e comunicar com outro falante e a audição para ouvir o que é comunicado.



Logo, as duas modalidades, língua oral e língua de sinais, organizam-se e combinam os elementos linguísticos de forma distinta, com características próprias o que lhes atribui o *status* de língua, com sistema de regras gramaticais e linguísticas específicas.

Por isso, no momento em que produzir materiais didáticos por escritos (tarefas, atividades escritas, uso de textos etc.), no caso do Brasil, o português e a Libras, compete ao professor saber as diferenças estruturais/gramaticais entre elas e considerá-las ao produzir e corrigir trabalhos, uma vez que os discentes ouvintes e surdos responderão de modo distinto por terem e usarem línguas diferentes

Já no momento de planejamento das aulas e metodologia didática, o aspecto imagético/visual deve prevalecer, comparado às questões escritas no quadro (A escrita é usada pelo professor, pois o surdo precisa do contato com o português escrito), mas destacando imagens autoexplicativas. Há necessidade da mediação do intérprete de Libras. Este profissional contribui nos momentos em que o professor produz materiais didáticos, usa metodologias didáticas apropriadas e adaptadas, imagens etc. que necessitam ser mais visuais (visualmente autoexplicativas) o que favorece tanto alunos surdos como ouvintes.



Além da questão da diferença entre as línguas, há os aspectos culturais e de formação de identidade imbricados nos aspectos linguísticos, as singularidades (características biológicas, de personificação, comportamentais próprias de um ouvinte e de um surdo, fruto das implicações refletidas nos aspectos sociais da interação um com o outro, os valores e crenças, lutas por direitos iguais na educação, necessidade de adaptações e recursos de acessibilidade) a serem respeitadas e valorizada. Elas induzem às formas de inclusão social do surdo com todos que convivem com ele na qual o espírito de colaboração (advindo de um fator da humanidade) se evidencia de forma espontânea.

Os principais elementos que distinguem a cultura surda, o ser surdo são:

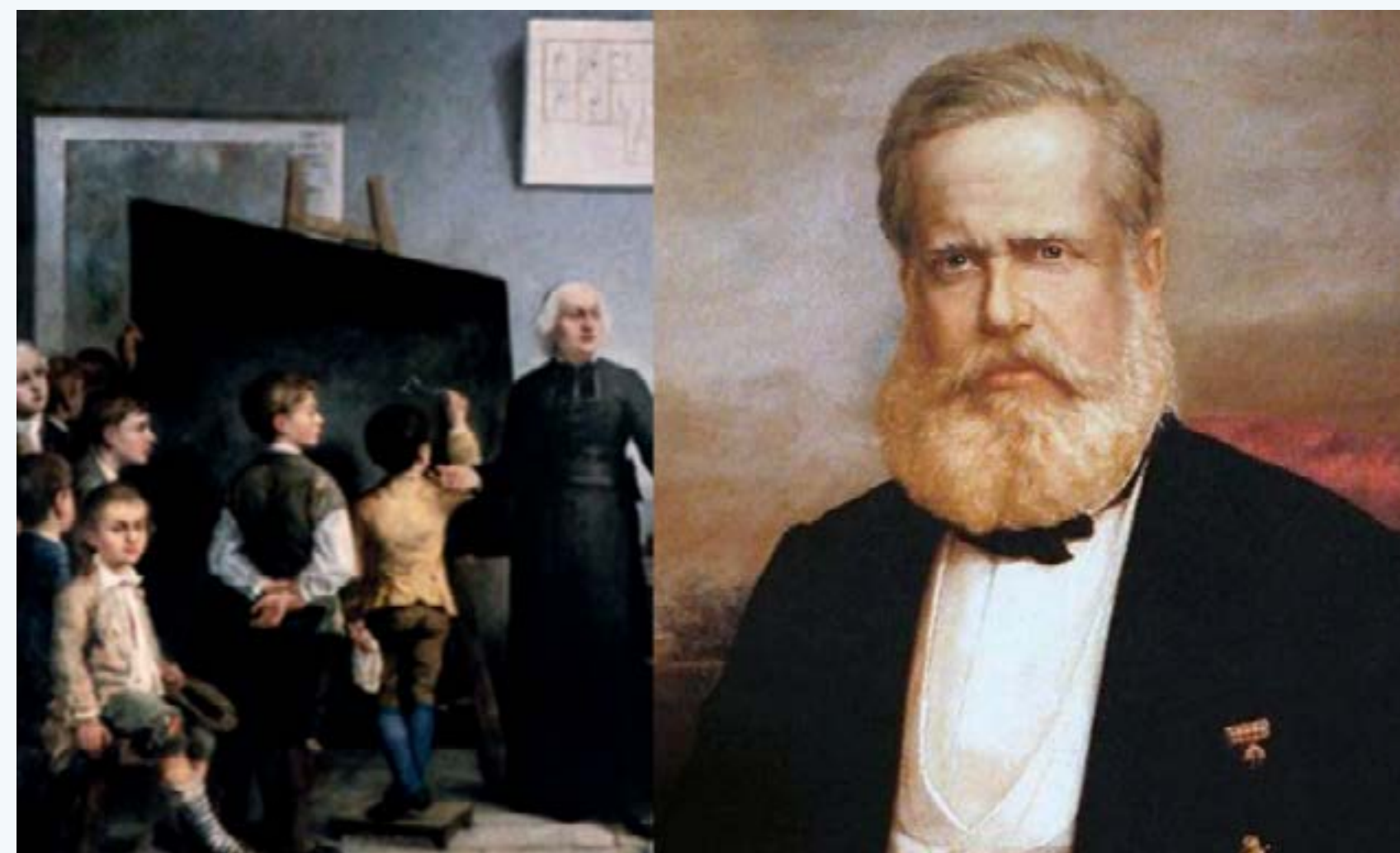
- Elementos de artes visuais como livros adaptados em libras, teatro surdo, artes plásticas, pinturas nativas de sujeitos/pintores surdos;
- Associações, organizações e a comunidade surda em si que visam os mesmos objetivos e direitos sociais, educacionais, comunicativos próprios e essenciais aos surdos;
- A família dos surdos. Adaptações tecnológicas proporcionam autonomia ao surdo e seu entendimento no contexto familiar, como uso de celulares (mensagens), adaptação da campainha que deixa de ser sonora e passa a ser visual (usa-se a luz piscando quando alguém toca a campainha);
- A questão da visualidade que é essencial e primordial ao surdo para compreender tudo ao seu redor;





- A língua em si, direito de adquiri-la como primeira língua (L1) de forma natural e espontânea em contato com outros surdos ou pais surdos;
- Literatura surda em que há várias obras literárias produzidas por surdos. A maioria descreve relatos das dificuldades sociais e de inclusão ou aspectos individuais consequentes da surdez;
- Artefatos do esporte que criam estratégias próprias para jogadas em equipe reconhecidas pelos surdos.

**Figura 5 – Quando surgiu a Língua Brasileira de Sinais**



**Fonte:** Video Shack - Laboratório Audiovisual.



No Brasil, a história da educação de surdos iniciou-se com a criação do Instituto de Surdos-Mudos, hoje, Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, em 26 de setembro de 1857, pelo professor surdo francês Ernest Huet, que veio ao Brasil a convite do Imperador Dom Pedro II, para iniciar a educação dos surdos aqui, com as metodologias conhecidas na França. Ernest Huet era surdo desde os 12 anos de idade e adepto do método de Charles Michel de L'Épée. Ao chegar, Huet percebeu que alguns surdos já usavam alguns sinais próprios que correspondiam à cultura do Brasil.

Assim, o trabalho de Huet contribuiu que uma língua própria do país, a Libras, surgisse na junção com a da língua de sinais francesa. Ernest também era surdo e ministrava suas aulas em Língua de Sinais Francesa e permaneceu à frente do instituto até 1961. Logo, seu sistema de ensino perdurou até o século XIX (FACUNDO; VITALINO, 2019).

E sobre a Libras em si? Que língua é essa?

**Figura 6 - Símbolo do molde da mão em Libras**



**Fonte:** Pngwing.



No âmbito educacional, a educação de todos os brasileiros foi reconhecida como um direito, na Constituição de 1988, abrindo espaço para que leis fossem regulamentadas para garantir o acesso do surdo a uma educação pública e de qualidade. Assim, por exemplo, ao aluno surdo ficou garantido, por lei, o direito de um acompanhamento especializado.

No século XXI, a comunidade surda conquistou importantes direitos. Uma delas ocorreu com a aprovação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, em que a Libras é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira e que o poder público deve fornecer meios para o uso e difusão da Libras no Brasil (BRASIL, 2002).

A regulamentação de leis reconhecendo a Libras, como a Lei 10.436 de 2002, Decreto 5.626 de 2005 (BRASIL, 2005) dentre outras, a qual descrevem os direitos da comunidade surda brasileira contribui para garantir a inclusão social e educacional, dos mesmos em escolas da rede pública, seja este ambiente escolar com proposta inclusiva ou proposta bilíngue.

Toda língua natural existente no mundo é estudada pela linguística. A forma de funcionamento do sistema, as regras e suas combinações são características específicas de cada uma. (QUADROS; KARNOPP, 2004).



A Libras é constituída por um léxico (vocabulário de sinais que, ao se combinarem de forma coerente, formam frases cujos elementos organizam-se de forma diferente das frases do português) uma gramática (com elementos próprios, que se combinam e se estruturam a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos respeitando a modalidade espaço-visual. Há regras específicas para se efetivar e explicar os fenômenos gramaticais ao se fazer estudos linguísticos descritivos (análise e descrição gramatical e função), dos sinais, frases e significados (frases, léxico e discursos sinalizados).

Em Libras a formação dos sinais que constituem o léxico parte da combinação entre cinco (5) parâmetros que se assemelham à elementos fonológicos da língua portuguesa e que formam palavras, mas que na Libras, formam sinais. Os três principais estudados por Stokoe (1960) nas línguas de sinais americanas e confirmados na Libras por Quadros e Karnopp (2004) são a Configuração de Mãos (CM – corresponde ao formato da mão), o Ponto de Articulação (PA – corresponde ao lugar em que o sinal é feito), o Movimento (M – movimento realizado ou pelos dedos da mão, pela mão ou pelas duas mãos, pelo braço). Há outros dois parâmetros descobertos mais tarde, por Bellugi et al (1989) que são a Orientação da Palma da Mão (OP – lugar para o qual a palma da mão está direcionada durante o sinal produzido) e as Expressões Não Manuais (ENM – expressões feitas na face e no corpo).



Compete ao docente saber a estrutura básica e forma de combinação, análise e descrição linguística que é diferente da língua oral auditiva. Na Libras vírgulas, pontos, preposições, advérbios etc. são considerados sob outras perspectivas, durante a produção sinalizada. Nas correções escritas, o português é a segunda língua (L2) do aluno surdo. O ideal é prenda-se no contexto da resposta que ele escreveu e se há uma relação com o enunciado.

**Figura 7 - Quadro Decorativo Arte de Rua Pintura Grafite Street Art  
Olhos Maos Expressionismo**



**Fonte:** Produto comercializado pelas Lojas Americanas.

## Aspectos históricos e educacionais do sujeito surdo, cultura e identidade

Figura 8 - Killing my deafness, técnica: Instalação, 2007



Fonte: Leon Lim / culturaturda.net.

Figura 9 - Linguagem de Sinais



Fonte: Pinterest.com.



Em 1880, foi realizado o Congresso de Milão, na Itália, em que ficou definido que a educação dos surdos seria realizada por meio da oralização/oralismo, pela fala (uma vez que se acreditava que, somente pela fala um sujeito provava que pensava logicamente pois os pensamentos eram expressos pela fala). Com esse primeiro método (um primeiro divisor de águas) e um choque na comunidade surda, o uso de sinais foram proibidos de serem utilizados, a luz do dia, e vistos como inferiores diante das línguas orais. Muitos surdos, inclusive no INES, tinham as mãos amarradas para serem impedidos de sinalizarem e passaram por terapias de fala para aprenderem a articular palavras que, depois, os professores defensores dessa metodologia concluíram da ineficácia do método ao perceberem que os poucos surdos que conseguiam repetir/articular, memorizavam visualmente como uma palavra era articulada, mas não sabiam usá-la em contextos diferentes porque não compreendiam seus significados.

No Brasil, o oralismo perdurou até a década de 1970, quando começou a metodologia da comunicação total, a segunda demarcação da história da educação dos surdos. Essa metodologia preconizava que qualquer recurso ou método, mesmo que mesclado (uso de gestos, uso de sinais – Libras, uso de terapia para fala) era o suficiente para efetivar o objetivo principal de fazer com que o surdo falasse. Apesar da fala ainda ser o foco, passou a usar a Libras. Com o tempo, chegou-se à mesma conclusão que a com relação ao oralismo.



Na sequência, propaga-se que o aluno surdo se desenvolve, no processo de aprendizagem de um conteúdo, incentivando-se a capacidade cognitiva de pensar logicamente, de refletir, mesmo se expressando, interagindo e se comunicando por meio de sua língua materna a Libras (L1) e o português por escrito, característica da metodologia do bilinguismo. Justifica-se a aprendizagem do português por escrito uma vez que o surdo tem visualmente contato, cotidiana e continuamente com a língua (*outdoors*, placas de trânsito, charges, jornal etc. É necessário aprendê-lo como segunda língua, para ter acesso a informações e conhecimentos via escrita. Nessa modalidade, a metodologia indica que a língua para ensino dos conteúdos escolares seja a Libras, concomitante com o ensino do português por escrito com metodologia apropriada para surdo.

Assim, o bilinguismo é considerado o método mais apropriado para promover o ensino-aprendizagem do aluno surdo. É legalmente reconhecido como modalidade de ensino pela Lei nº 14.191 de 3 de agosto de 202. O currículo para efetivá-lo em escolas bilíngues ainda está em estudo no Ministério da Educação e Cultura – MEC.

A Educação Bilíngue é garantida e a Libras reconhecida como língua materna e língua de instrução na educação. A Libras é matéria de ensino desde a Educação Infantil, no Ensino fundamental, em cursos livres e em disciplinas nas Instituições de Ensino Superior.



Finaliza-se este tema com um infográfico destacando informações complementares importantes:

**Figura 10 – Você sabia? (Libras)**



Fonte: EduLivre.

**Figura 11 – Dia Nacional do Surdo**



Fonte: Portal EBC.



Formação do educador de surdo, do tradutor e do intérprete no processo educacional da Libras

**Figura 12 – Ações do professor de matemática e do intérprete educacional de libras junto ao aluno surdo**



Fonte: Revista Educação Pública – CECIERJ.

O reconhecimento da Libras como língua natural e como língua da comunidade surda brasileira é recente. O ensino para surdos como componente curricular e a formação de professores para este fim também o são.

Um dos problemas a ser superado com o recente reconhecimento das línguas de sinais é a necessidade de difusão dos conhecimentos linguísticos de pais, de educadores e de intérpretes de crianças e jovens surdos. “Há pouca qualidade do ensino de Libras no Brasil” (GESSER, 2006, p. 21).



O decreto nº 5.696 (2005) prevê a formação de profissionais para trabalhar no ensino e tradução da Libras em cursos de letras-libras e de especialização em Libras.

A formação dos professores de Libras, indicada no decreto como formação inicial, é em curso de graduação em Letras com habilitação em Libras. As primeiras turmas dessa formação foram organizadas na modalidade a distância e coordenado pela Universidade Federal de Santa Catarina (2006 a 2010).

Esse Decreto, traz o conceito de sujeito surdo como aquele cujas experiências visuais e uso da Libras, sua primeira Língua/Língua materna (L1) que adquiri espontaneamente quando em contato com outros usuários fluentes dessa mesma Língua de forma contínua e cotidiana, percebe e compreende, visualmente, os acontecimentos e fatos que ocorrem no mundo, ou seja, tem uma visão própria de mundo em sua mente por meio da habilidade visual, forma compensatória da perda da habilidade auditiva, se desenvolve e é capaz de contribuir, através dessa sua singularidade específica, advinda da sua Língua e forma visual de perceber e compreender o mundo em geral e que demarcam sua cultura própria (cultura surda) consegue aprimorar suas competências sociais, linguísticas e profissionais, que os afirmam como cidadãos capazes de contribuir para a sociedade e interagir com a mesma (BRASIL, 2005)



Além de regulamentar a Lei 10.436, traz outros argumentos complementares que especificam os direitos do surdo, tais como: a disseminação de Libras nos órgãos públicos (área da saúde, ministério público, bancos etc., inclusive da presença do intérprete de libras em tais ambientes, como mediadores habilitados para atuar com o par linguístico Libras/Português, com profissão regulamentada pela Lei e de essencial importância com profissão regulamentada pela Lei 12.319 de 2010 e, principalmente, em sala de aula de escolas de ensino regular com proposta inclusiva, auxiliando e contribuindo, também, de forma imparcial e ética, o professor regente de sala de aula, em que metodologias e recursos imagéticos poderão ser, por ele, anteriormente sugeridos e compartilhados com o professor, na qual as questões imagéticas/visuais dos mesmos deverão ser organizadas e quase que autoexplicativas para melhor entendimento e interpretação desses sujeitos surdos e, conseqüentemente, contribuirão, também, para uma melhor explicação dos conteúdos por parte do professor, na atuação do tradutor intérprete e dos demais alunos ouvintes que serão contemplados por tais mudanças e adaptações feitas e sugeridas, com atitudes colaborativas, no processo de ensino e aprendizagem de todos os envolvidos neste ambiente escolar.

Para saber mais leia:



**O papel do profissional intérprete de libras na inclusão do aluno surdo: possibilidades e avanços**



Tais argumentos são relatados por Martins (2009, p. 36) em que afirma a adoção dessa metodologia adaptada e adequada que necessita ser realizada pelos profissionais docentes, seja em durante suas formações ou após, em formação complementar/continuada lhes permitindo segurança nos momentos de atuação advindos de maiores conhecimentos das condições e necessidades dessas adaptações visuais, uso de recursos visuais ou construção de imagens, visualmente autoexplicativas para facilitar esse entendimento não apenas ao aluno surdo, mas, também, o do aluno ouvinte.

O TILS é um profissional fundamental para mediar o acesso aos conhecimentos para estudantes surdos que frequentam o ensino regular. Assim, é crescente a demanda por este profissional, já que muitos surdos ingressam ou retornam à escola a cada ano sentindo-se melhor acolhidos. Todavia, esse profissional aprende na informalidade, pela demanda dos próprios surdos, nas relações sociais, mediando a comunicação entre surdos e ouvintes. Os ambientes religiosos, por necessidade de propiciar acesso à doutrina à comunidade surda, favorecem a aprendizagem e desenvolvimento da fluência em Libras criando condições para que pessoas interessadas atuem como intérpretes mediando situações mais ou menos formais entre surdos e ouvintes. Deste modo, o intérprete se molda às demandas da prática e nas e pelas experiências vivenciadas. É neste contexto que na década de 1990 surgem tentativas de dar uma formação específica para TILS, principalmente por iniciativa da Federação Nacional de Educação e Instrução dos Surdos (FENEIS). Ao observar a heterogeneidade de desempenho dos intérpretes, propõe cursos de curta duração para formação. Estes cursos eram, em geral, ministrados por ouvintes e, ocasionalmente, por surdos e visavam ampliar os conhecimentos e fluência em Libras, sem outros focos de atenção.



Sobre a formação do professor de surdo no processo educacional de Libras, Silveira (2006) aponta que são poucos os surdos com formação pedagógica e mesmo os que a tem, não sabem elaborar um currículo de disciplina escolar.

Em geral, nota-se a dificuldade do ensino de Libras por parte de professores surdos e de outros professores no ensino-aprendizagem para alunos surdos ligados à falta de conhecimento acerca da língua de sinais, de planejamento e práticas pedagógicas voltadas para o sujeito surdo e à dependência de terceiros no processo de ensino-aprendizagem.

### Referências

BELLUGI, U.; POIZER, H.; KLIMA, E. *Language, modality and the brain. Trends in neurosciences - reviews - TINS*, vol. 12, nº 10, p. 380-388, 1989.

BRASIL. *Lei nº.10.436 de 24 de abril de 2002*. Reconhece a Libras como língua da comunidade surda. Brasília: MEC, 2002.

BRASIL. *Decreto n. 5.626 de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Brasília: MEC, 2005.

BRASIL. *Lei nº. 14.191 de 3 de agosto de 2021*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília: MEC, 2021.



FACUNDO, J.J.; VITALINO, C.R. *A disciplina de Libras na formação de professores*. Curitiba: CRV, 2019.

GESSER, A. *Um olho no professor surdo e outro na caneta: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais*. 2006. 215 f. Profa. Dra. Marilda do Couto Cavalcanti Tese (Doutorado em Linguística Aplicada na área de Multiculturalismo, Plurilinguismo e Educação Bilíngue) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GURGEL, T. M. A. *Práticas e formação de tradutores intérpretes de Língua Brasileira de Sinais no ensino superior*. 2010. 168 f. Prof. Dr.ª Cristina Broglia Feitosa de Lacerda. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba. Faculdade de Ciências Humanas do Programa de Pós Graduação em Educação. São Paulo: Piracicaba, 2010.

LACERDA, C.B.F. *O intérprete educacional de língua de sinais no Ensino Fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades*. In: LODI, A.C.B et al. *Letramento e Minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002, p.120-128.

MARTINS, D. A. *Trajetórias de formação e condições de trabalho do intérprete de libras em instituições de Educação Superior*. 2009. 135f. Prof. Dr.ª Vera Lúcia de C. Machado. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2009.

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Art-med, 2004.

SILVEIRA, C. H. *O currículo de língua de sinais na educação dos surdos*. 2006. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

STOKOE, W. *Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the american deaf*. *Studies in Linguistics* nº8. University of Buffalo, 1960.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: UFSC, 2008.

STROBEL, K. *História da Educação dos Surdos*. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: [https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase\\_HistoriaEducacaoSurdos.pdf](https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf). Acesso em 10 de mar. 2023.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ - UNICENTRO  
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB

Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS – Andréa dos Guimarães de Carvalho

Maria Aparecida Crissi Knuppel  
**Coordenador Geral UAB**

Sandra Aparecida Machado Polon  
**Coordenador Geral Curso**

Cleber Trindade Barbosa  
**Coordenador Geral NEAD**

Ernando Brito Gonçalves Junior  
**Apoio Pedagógico**

Ruth Rieth Leonhardt  
**Revisão**

Murilo Holubovski  
**Designer Gráfico**

Element5/Unsplash  
**Capa**

Aneeque Ahmed /Nounproject  
Hafiudin/Nounproject  
ProSymbols/Nounproject  
**Ícones**